



Depois de passar anos empoeirando na estante da biblioteca, um livro de contos de fada é escolhido por uma leitora. O narrador imediatamente se assusta quando percebe que a história está bagunçada: o reino da Calibúrnia não existe mais; o rei vive em uma praia; o Dragão das Sete Asas tem apenas duas... Era preciso colocar a casa em ordem! Mas agora não tem mais jeito; tudo, todos estão diferentes. E outro enredo, criado pelos próprios personagens, começa a ser encenado.



BARCO
A VAPOR

Era mais uma vez outra vez

Glaucia Lewicki

ERA MAIS UMA VEZ OUTRA VEZ • GLAUCIA LEWICKI



Ilustrações
Gonzalo Cárcamo

1 6 7 6 2 1
ISBN978-85-418-0762-3



9 788541 807623





BARCO
A VAPOR

Era mais uma vez outra vez

Glaucia Lewicki

Ilustrações
Gonzalo Cárcamo



© Glauca Lewicki, 2006

Coordenação editorial: Cláudia Ribeiro Mesquita

Preparação: Bruno Zeni

Revisão: Gislane Maria da Silva e Carla Mello Moreira

Edição de arte: Leika Yatsunami

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão: Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lewicki, Glauca

Era mais uma vez outra vez / Glauca Lewicki; ilustrações Gonzalo Cárcamo; — 2. ed. — São Paulo: Edições SM, 2015. — (Coleção Barco a Vapor. Série Azul.)

ISBN: 978-85-418-0762-3

1. Literatura infantojuvenil

I. Cárcamo, Gonzalo. II. Título. III. Série.

15-02368

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição 2007

2ª edição 2015

5ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55


Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil


Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

SUMÁRIO

A leitora	7
O rei	12
O dragão.....	21
O príncipe	35
A princesa	43
Era mais uma vez outra vez	55
O enigma do dragão	70
O convite.....	83
O final feliz	91

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● A LEITORA

SENTI QUANDO OS dedinhos da menina passaram pelo livro. Percebi quando chegaram até o final da prateleira. Pararam por um momento, pensativos. Tamborilaram sobre um dicionário. Então voltaram, alegres, até chegarem novamente ao livro em que eu morava. Com um puxão decidido, eu e meus companheiros fomos retirados da prateleira.

— Quer este livro? — perguntou uma voz conhecida.

A bibliotecária! Há quanto tempo não ouvia sua voz?! Queria acenar para ela, dizer um “oi”. Mas eu era apenas o narrador do livro que a menina estava segurando. Nada podia fazer.

— Quero, sim! — respondeu a menina. — Achei a capa bonita!

Sim, menina, nossa capa é realmente linda!

Está um pouco desbotada, mas, ainda assim, é bonita. Ganhou prêmio de melhor capa há... Há quanto tempo mesmo?

— Mas ele está tão velho! — exclamou a bibliotecária. — Há anos ninguém o lê. Tem certeza? Quer mesmo tomá-lo emprestado?

Ora, o que essa mulher está dizendo? Pela primeira vez, em muitos anos, alguém quer ler nossa história. E ela desencorajando a leitora! Por sorte, essa menina tem personalidade. Não se importa com a opinião alheia...

— Eu tenho certeza! Vou levar este mesmo — ela respondeu.

Com um suspiro, a bibliotecária abriu o livro pela contracapa. Tirou uma ficha, anotou o nome da menina e a data. Então, nos entregou na mão dela.

Que felicidade! Mais uma vez, depois de muito tempo, alguém vai conhecer as peripécias do príncipe Saprsto para conseguir a mão da princesa Priliana. Como, por exemplo, a luta com o dragão. Ah, essa era a minha passagem favorita no livro! Eu adorava narrá-la! Como era mesmo?

“Então o príncipe Saprsto ergueu a poderosa espada Escalibúrnica contra o terrível Dragão das Sete Asas...”

Puxa, mal posso esperar para contar a história de novo! Mas antes preciso conferir se está tudo no lugar e se os personagens estão prontos para entrar em cena. Há muito o que fazer antes de um leitor abrir um livro!



Fui correndo para o início e narrei, bem baixinho, as primeiras palavras da história:

“Era uma vez, há muito tempo, no distante Reino de Anascar...”

Anascar? Que reino é esse? A história desse livro se passava no Reino da Calibúrnia! Alguma coisa errada está acontecendo aqui!

Fui direto até a página onde deveria estar o rei. Mas ele não estava lá. A ilustração



mostrava apenas um bosque com um castelo ao fundo.

— Majestade! — chamei. — Majestade! Onde está Vossa Alteza?

Um passarinho que fazia parte da ilustração apontou com a asa:

— O rei da Calibúrnia tinha ido para a página seguinte!

Agradei a informação e pulei para o local indicado.



● O REI

NA PÁGINA SEGUINTE, o rei estava em uma praia. A ilustração era moderna. Não tinha nada a ver com as outras imagens do livro.

Deitado em uma espreguiçadeira, Sua Majestade trazia a coroa na cabeça, mas usava sandálias de dedo e calção de banho.

— Majestade! — chamei.

— Narrador! Como vai? Há quanto tempo não ouço sua voz!

— O que faz Vossa Alteza nesta praia?

— Vendi meu reino.

— Vendeu?!

— Sim. Cansei de ficar naquele castelo sem fazer nada. Vendi o Reino da Calibúrnica e comprei esta ilustração de praia do livro que ficava ao nosso lado.

— M-mas...

— Sem gaguejar, narrador. Que bons ventos o trazem a esta página?

— Uma leitora, Majestade!

— Quem?

— Por favor, Majestade! Vossa Alteza já esqueceu o que é um leitor?

— Claro que não! Os leitores são a razão da nossa existência. Se não fossem eles, não existiriam os personagens!

— Sim, é claro, Majestade! Tampouco existiriam os narradores. O que eu quis dizer é que uma leitora pegou nosso livro na biblioteca!

— O quê?! Vamos ser lidos?

— Sim, Majestade!

— Pelo trono da Calibúrnia! A leitora não pode me pegar aqui, nesta praia, só de calção! O que ela vai pensar de mim? E esta ilustração? Temos que escondê-la. Não tem nada a ver com o resto do livro!

— Mesmo porque o Reino da Calibúrnia não tem praias, mas um lago! — lembrei. — “Havia um grande lago, com uma gruta bem no centro dele. Nas profundezas desta gruta, morava um terrível...”

— Pare de narrar, narrador! Temos que arrumar a história. Ela precisa ser lida como ela é!

— Está bem! Para começo de conversa, Vossa Majestade deveria reaver o Reino da Calibúrnica!



— Não posso! Gastei tudo o que tinha na compra desta praia!

— O quê? Como pode uma praia mixuruca dessas custar tanto?

Um caranguejo desenhado perto de uma estrela-do-mar reagiu:

— Alto lá! Esta praia não é mixuruca coíssima nenhuma!



O rei concordou:

— O caranguejo tem razão, narrador! O livro de onde eu comprei esta praia estava novinho. Fazia o maior sucesso na biblioteca. Ganhou vários prêmios de melhor ilustração. Esta praia custou o mesmo que todo o Reino da Calibúrnia!

— Oh, céus! E agora, Majestade? Precisamos do Reino da Calibúrnia para começar a história!



O caranguejo intrometeu-se de novo:

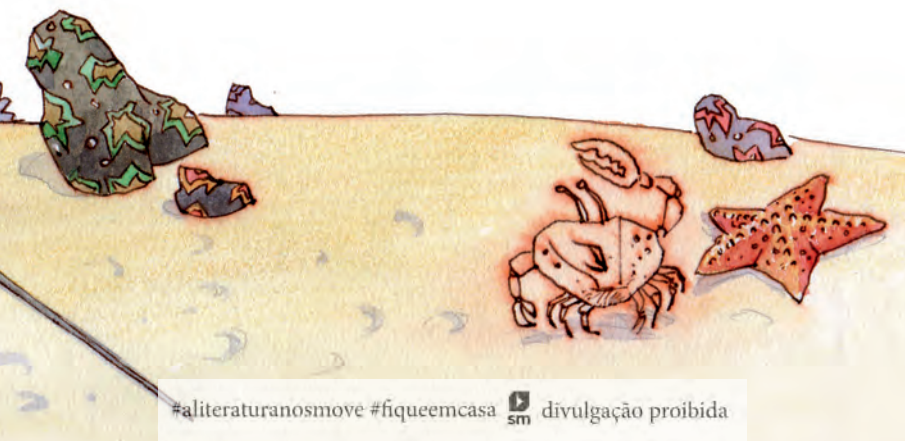
— Por que vocês não conversam com o rei do novo Reino de Anascar? Talvez ele queira trocar esta valiosa praia, com sol e tudo, pelo antigo Reino da Calibúrnia!

— Detesto ter que admitir, Majestade. Mas o caranguejo teve uma bela ideia!

— Não podemos fazer isso! — exclamou o rei.

— Por que não?

— Porque quem comprou o Reino da Calibúrnia foi o dragão.



— Dragão?! O Dragão das Sete Asas?

— O próprio. Ele disse que estava farto de morar em uma gruta cheia de goteiras. Além disso, não aguentava mais o príncipe Sapristo, que aparecia por lá toda vez que um leitor chegava à página 20!



— É, o príncipe sempre foi meio bobo...
— assenti.

— Bobo é apelido! Lembra? Sapristo adorava gritar: “Saia dessa gruta, ó pérfido lagarto! Venha enfrentar a justiça da espada Escalibúrnica!”. Não há dragão que agüente uma frase ruim dessas...

— Eu também achava essa frase meio ruinzinha... — concordei.

— Portanto, narrador, como você pode ver, o dragão não vai querer trocar seu novo reino por uma gruta cheia de goteiras, onde um príncipe bobo grita uma frase ridícula cada vez que um leitor chega à página 20!

— Mas temos que fazer alguma coisa, Majestade! A leitora está levando o livro para casa. Podemos ser lidos a qualquer momento, e a história está uma bagunça!

— Sim, é verdade, meu caro narrador. Assim sendo, eu o nomeio resolvedor oficial de problemas do antigo Reino da Calibúrnica!

— Como assim? Eu sou apenas o narrador!

— E eu sou o rei! Rei nunca faz nada, só manda os outros fazerem!

— Mas eu não faço parte da história!

— Como não? Você está conosco desde que ela foi escrita!

— Trabalho nos bastidores! Nem nome eu tenho...

— Bem, isso eu não posso lhe dar, narrador! Eu mesmo sou conhecido apenas como “o rei”. Mas, em nome do antigo Reino da Calibúrnica, posso nomeá-lo *Sir* narrador!

Como o rei estava sem sua espada, fui nomeado cavaleiro com um graveto encontrado na areia. E parti em missão para recuperar o reino perdido, ou melhor, vendido, da Calibúrnica.

● O DRAGÃO

VOLTEI PARA A PÁGINA onde estava o castelo do Reino de Anascar. Caminhei por muito tempo pelo Bosque Tenebroso e, finalmente, cheguei às portas do castelo, agora todo enfeitado com escamas. Pelo visto, o Dragão das Sete Asas havia contratado um ilustrador para redesenhar o antigo castelo do antigo Reino da Calibúrnia.

Fui conduzido à sala do trono, onde encontrei o antigo Dragão das Sete Asas. Ele estava sentado no antigo trono do antigo rei do antigo Reino da Calibúrnia.

— Narrador! — exclamou o Dragão das Sete Asas, cuspiendo uma labareda de fogo que, por pouco, não atingiu meus pés. — Há quanto tempo!

— Dragão das Sete Asas! Como vai?

— Muito bem! — respondeu ele, levantando-se do trono para me receber.

Foi nesse momento que reparei que ele só tinha duas asas nas costas.

— O que aconteceu com suas outras asas?

O dragão apontou para as cinco asas de borracha penduradas na parede.



— Estão ali. Como não estamos sendo lidos, não preciso usar todas elas!

— Quer dizer que você não tem sete asas?

— É claro que não! Onde já se viu dragão com sete asas? Tenho duas, como todos os dragões. As outras são de borracha.

— M-mas por quê?

— Ora, pergunte para o autor! Ele queria um dragão de sete asas para dar mais emoção. Eu precisava do emprego...





— Então, você arrumou cinco asas de borracha...

— E virei o temível Dragão das Sete Asas!
— completou, orgulhoso.

— Ora! Eu narrei essa história durante anos e nunca fiquei sabendo de nada!

— Porque você é muito linguarudo, narrador. Se soubesse, acabaria contando para os leitores!

Ofendido, retruquei:

— Espere aí! Linguarudo, não! Eu sou capaz de guardar um segredo!

O dragão sacudiu a cauda, fazendo tremer as paredes do antigo castelo do antigo Reino da Calibúrnia.

— Não é, não, senhor! Quem contou aos leitores que o segredo para vencer o temível Dragão das Sete Asas era atravessá-lo com a poderosa Escalibúrnia?

— Mas eu tinha que contar para os leitores!

O dragão deu uma risadinha de escárnio, fazendo ondular as escamas de sua barriga:

— Rá, rá, rá! Aposto que você fez de propósito, só para Sapristo ouvir!

— Os narradores não interferem na história. Apenas a contam aos leitores.

— Ah, é? — bufou o dragão. — Então o que você está fazendo aqui?

— Vim colocar esta história em ordem!

— Colocar em ordem? — espantou-se o dragão.

— Sim. Temos uma leitora!

O comprido focinho do dragão escancarou-se, exalando uma fumacinha de surpresa.

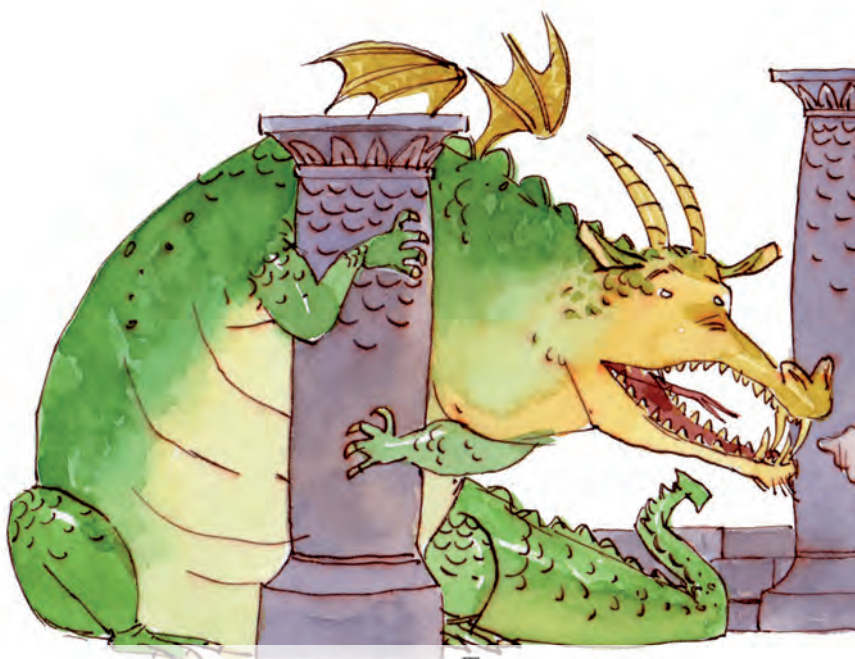
— Uma leitora? Depois de tantos anos?

— Ela nos descobriu na biblioteca. Mas a história está toda desarrumada! Não consigo mais contá-la como era!

O dragão coçou as escamas da cabeça.

— Sei... E por que você veio atrás de mim?

— Para transformar o Reino de Anascar



novamente no Reino da Calibúrnia! Falando nisso, quem é Anascar?

O dragão deu uma risadinha, bafejando fumaça.

— Você é mesmo o narrador mais desinformado que já vi! Anascar sou eu!

— Você tem nome? — espantei-me.

— Todo mundo tem! — replicou o dragão, ofendido.

— Sim, sim, é claro! — respondi apressado, antes que ele soltasse uma baforada em cima de mim.



— Agora tenho um nome e um reino! — exclamou ele, batendo com a pata no peito escamoso. — E não pretendo voltar a viver em uma gruta cheia de goteiras, no meio de um lago poluído, só para você contar essa história mais uma vez!

— Mas, Anascar...

— Vire-se, narrador!

— Desculpe, mas agora atendo por *Sir* narrador...



O dragão soltou uma baforada de fumaça na minha cara.

— Que seja! Eu, por minha vez, me aposentei!

— Aposentou-se?! Por quê?

— Estava farto de ouvir as frases ridículas de Saprsto! Estava farto de ser chamado de lagarto por aquele príncipe estúpido e ter que morrer com uma espada atravessada na barriga toda vez que alguém chegava à página 21!



— Mas, Anascar, esse tipo de livro precisa de um vilão como você!

— Contrate uma bruxa! Eu não estou mais disponível!

— Este livro não tem bruxa! Tem um temível e poderoso dragão, e ele é você!

— Estou fora!

— Anascar! O príncipe Saprsto precisa vencê-lo! De que outra forma ele se provará merecedor da mão da princesa Priliana?



— Que mate uma barata! Priliana tem mais medo de baratas do que de mim! Estou farto de tanta violência!

Anascar não parecia disposto a colaborar. Comecei a perceber que, por mais que eu quisesse contar a mesma história, o tempo havia passado e os personagens tinham mudado. Ainda seria possível contá-la? Eu não estava seguro. Mas precisava tentar. Afinal, a menina não parecia o tipo de leitora que se contentaria com um rei na praia e um dragão aposentado.

Com muito jeito, insisti e tentei convencer o dragão a me ajudar:

— E se houver uma forma menos violenta de Saprsto vencê-lo?

Anascar pareceu gostar da sugestão. Seus olhos se acenderam como duas lanternas.

— Ei, isso parece bom! Que tal um enigma? — sugeriu ele.

— Enigma?! — espantei-me.

— Sim, sim! — entusiasmou-se o dragão.
— Para merecer a mão da princesa Priliana, o príncipe Saprsto terá que decifrar um enigma proposto por mim!

— Não é tão emocionante quanto usar a espada! — argumentei. — Você vai ter que deixá-lo decifrar logo o enigma, ou os leitores vão desistir...

— Deixar aquele tolo monte de músculos decifrar o enigma? Você disse DEIXAR?! — e o dragão bufou, chamuscando



minhas sobrancelhas. — Quem falou nisso, narrador? Estou pensando em uma disputa justa! Se você me permitir propor um enigma ao príncipe, eu devolverei o Reino da Calibúrnia!

— Mas, se ele não decifrar o enigma, quem ficará com a princesa?



— Bem, eu sempre achei a Priliana bonitinha...

— Anascar! Onde já se viu o dragão ficar com a princesa?

Anascar suspirou, enfumaçando a sala do trono.

— Este é o problema, narrador! Você não sabe de nada mesmo! Encontre Sapristo e apresente a minha proposta. Caso contrário, não conte com a participação do temível Dragão das Sete Asas nessa história!

Deixei o castelo de Anascar danado da vida com a prepotência do antigo Dragão das Sete Asas. Como ele ousava insinuar que eu não sabia de nada? O narrador sabe de tudo! Sempre. Ele tem ligação direta com o autor! Além disso, o que um reles dragão sabia que eu não poderia saber?

● O PRÍNCIPE

O PRÍNCIPE SAPRISTO era uma montanha de músculos que só pensava em fazer exercícios. Quando o encontrei, ele erguia seu cavalo com a ponta do mindinho.

— Narrador! — exclamou ele, largando o cavalo. — O que você faz por aqui?

— Saprismo, temos uma leitora!

— Uma leitora? Puxa, mal posso esperar para enfiar de novo a poderosa espada Escalibúrnica naquele dragão!

— Esse é o problema! O dragão não quer mais fazer essa cena!

— Como? É a melhor parte do livro!

— São outros tempos, Saprismo. Hoje, essa passagem é considerada violenta. E antiecológica.

Saprismo piscou, tentando compreender o que significavam “outros tempos” e “antie-

cológica”. Finalmente, coçou a cabeça e quis saber:

— Mas, se eu não matar o dragão, como conseguirei a mão da princesa Priliana?

— Anascar propôs uma disputa diferente.

— Quem é Anascar?

— É o dragão.

— E dragão lá tem nome?

— Esse tem. Agora, fique calado e me escute: o dragão Anascar quer que você decifre um enigma.

— Enigma?! M-mas eu sou péssimo nisso!

— Pois dê um jeito de ser bom! Se você não decifrar o enigma do dragão, ele não devolverá o Reino da Calibúrnia!

— E daí? Nunca gostei da Calibúrnia mesmo! Clima horroroso, nem praia tem...

— E daí que, sem o Reino da Calibúrnia, a narrativa não pode começar!

O príncipe deu de ombros.

— Quem liga para isso? A única parte de que eu gostava era enfiar a espada na barriga do dragão! Se nem isso mais eu posso fazer...

Olhei para o príncipe, espantado.

— E a princesa Priliana? Se você não enfrentar o dragão, como vai casar com ela?

O príncipe coçou a cabeça.

— Olhe, não me leve a mal, narrador...

— *Sir* narrador — corrija, ofendido.

— *Sir* narrador — consertou o príncipe.

— O caso é que, para ser sincero, eu não me dou bem com a Priliana.

— Não?! Pensei que vocês se amassem!

— Ora, narrador...

— *Sir* narrador!

— *Sir* narrador... Nós apenas seguíamos o roteiro. Priliana nunca me amou de verdade.

— Como não?

— Você se lembra de como a história começava?

— “Era uma vez, há muito tempo, no distante Reino da Calibúrnica...”

— Depois disso.

— “... uma linda princesa. Seu nome era Priliana. Ela tinha tudo que alguém poderia desejar: beleza, saúde, inteligência e riquezas. Mas Priliana era muito infeliz...”

— Profundamente infeliz — corrigiu o príncipe.

— Não tinha nada de “profundamente infeliz”! — rebati.

— Eu podia jurar que havia um “profundamente” — disse o príncipe.

— Quem narrava a história? Você ou eu? Ela era apenas infeliz e ponto!



— Está bem, me desculpe! Continue.

— Onde eu estava mesmo? Ah! “Mas Pri-
liana era muito infeliz, pois seu pretendente,
o belo e inteligente príncipe Nascara, com a
promessa de fisgar um belo peixe para o ban-
quete de casamento, saiu e nunca mais vol-
tou. O Reino da Calibúrnica não tinha rios
ou mares. Havia um grande lago, com uma



gruta bem no centro dele. Nas profundezas da gruta, morava um terrível dragão, que surgiu logo depois do desaparecimento do príncipe Nascara. Alguns diziam que o barco do príncipe havia afundado. Outros diziam que o dragão devorara o príncipe. O caso é que a princesa passava os dias a suspirar...”

— Está vendo? — interrompeu Saprsto.

— Estou vendo o quê?

— Priliana amava outro, narrador!

— *Sir* narrador!



— Ah, como quiser! O caso é que Priliana não me amava! Ela gostava desse tal Nascara, que nem sequer apareceu na história!

— Mas ela aprendeu a gostar de você!

— Que nada! — riu-se o príncipe Saprismo. — Só eu sei o quanto essa princesa suspirava pelo tal do príncipe Nascara!

Recontar a história estava ficando cada vez mais complicado! Mas eu precisava arrumá-la. A hora de sermos lidos se aproximava, e a trama estava cada vez mais enrolada. Eu tinha que convencer Saprismo a me ajudar!

— Saprismo...

— Príncipe Saprismo!

— Príncipe Saprismo — emendei.

— Vossa Alteza Príncipe Saprismo.

— Vossa Alteza Príncipe Saprismo — repeti.

— Vossa Alteza Real Príncipe Saprismo...

— Quer parar com isso?!

— Foi você quem começou! — queixou-se o príncipe.

— Por favor, Saprismo! Vamos recontar a história. Só mais uma vez!

— Só se a Priliana esquecer o outro príncipe!

— Mas como eu...

— Problema seu, narrador! Se você convencer Priliana a esquecer o príncipe Nascara, eu aceito o desafio de decifrar o enigma do Dragão das Sete Asas!

● A PRINCESA

ENTÃO ERA ISSO. Para que o dragão Anascar devolvesse o reino ao rei da Calibúrnica, o príncipe Saprsto teria que decifrar o enigma do dragão. E eu teria que convencer a princesa Priliana a esquecer seu primeiro amor, o desaparecido príncipe Nascara. Ufa! E eu que pensava que o trabalho de narrador seria fácil...

Deixei o príncipe Saprsto e fui em busca da cena preferida da princesa Priliana: a do lago. Era a imagem que ficava bem no meio do livro. Ocupava duas páginas. Tinha muitas árvores e pedras. Não havia passarinhos ou borboletas porque todos temiam o Dragão das Sete... Ei, o que está acontecendo nessa ilustração?

O antigo Lago Sombrio estava ensolarado. Pássaros e borboletas voavam livres pela página. Uma plaquinha indicava: Lago da Luz

(antigo Lago Sombrio). E, nas profundezas da gruta do meio das águas, havia agora um pequeno castelo. Em uma das pequenas janelas, a princesa Priliana suspirava e penteava seus longos cabelos.

— Ai, ai...



— Princesa!

A princesa arregalou seus adoráveis olhos.

— Alto lá, intruso! — exclamou. — Quem é você?

— Sou o narrador, Alteza!

— Oh, me desculpe! Não me lembrava bem de você, mas sua voz soou familiar...

— Não há problema, Alteza.

— O que traz você aqui, meu bom amigo?

— Uma leitora, Majestade.

A princesa arregalou, de novo, seus adoráveis olhos. Já contei que nenhuma moça do reino tinha olhos mais adoráveis que a princesa Priliana?

— Uma leitora? Depois de tanto tempo?

— Sim, faz mesmo muito tempo, não faz, Alteza? Mas, em breve, nossa história será lida novamente...

Os adoráveis olhos da princesa se desarregalaram. E ela suspirou.

— Ai, ai... Diga logo o que quer de mim, narrador.

— *Sir* narrador, Alteza — consertei. — Seu pai sagrou-me cavaleiro...

— Pule essa parte, por favor. Você está atrasando meus suspiros da tarde!

— Bem, ele me ordenou que arrumasse a história.

— É mesmo? Uuuuuá... — bocejou a princesa. — Isso quer dizer que serei salva de novo por Saprismo? Viverei feliz para sempre etecetera e tal?

— Sim. É para isso que servem as princesas, afinal!

— Ai, ai... — suspirou ela uma vez mais. — Está bem. Pode chamar o dragão para me capturar. Mas já vou avisando: não aceito demolir meu pequeno castelo! Daria o maior trabalho. Além disso, vai que, depois dessa leitora, só aparece outro leitor daqui a séculos!

— Mas e a gruta do Lago Sombrio?

— Ah, invente outra coisa! Diga que o Dragão das Sete Asas tomou o pequeno castelo do Lago da Luz. Ah, sei lá, se vire! Você não é unha e carne com o autor?

— Infelizmente, Alteza, parece que nosso autor já não escreve mais. Dizem que se aposentou.

— Como você sabe?

— Os personagens do livro do lado me contaram. Livro novo, muito emprestado. Vai para a casa de um leitor, para a casa de outro... Seus personagens acabam sabendo um monte de coisas.



Eu esperava que os adoráveis olhos da princesa Priliana se arregalassem com essa notícia. Mas aconteceu justamente o contrário: ela apertou seus adoráveis olhos, que nem pareciam mais tão adoráveis assim, e exclamou:

— Pois já não era sem tempo!

— De quê, Vossa Alteza?

— Desse autor infame se aposentar!

— Alteza, por favor! Infame é uma palavra muito forte...

— Pois ele é mil vezes infame! — disse a princesa, indignada. — Como pôde tirar de



mim, logo nas primeiras páginas, o príncipe Nascara, meu grande amor?

— Mas Vossa Alteza reencontrou o amor com o príncipe Saprsto!

Os ex-adoráveis olhos da princesa piscaram.

— Oh, por favor, narrador! Não me faça rir...

— *Sir* narrador.

— Que seja. Saprsto é até bonzinho, mas não chega aos pés de Nascara!

— Como é que Vossa Alteza sabe?

— Sei o quê?

— Que o príncipe Nascara era melhor. Nessa história não se diz quase nada sobre ele! Sabemos apenas que foi pescar e não voltou!

Os ex-adoráveis olhos da princesa se encheram de lágrimas.

— Mas eu sei, narrador...

— *Sir*...

— No fundo do meu coração, sinto que Nascara era simplesmente o máximo! — disse a princesa e suspirou. — Ai, ai... Mas o que importa? Nascara jamais voltará, porque aquele autor infame não quis!

— Sinto muito. Não sabia que Vossa Alteza

gostava tanto do desaparecido príncipe Nas-
cara.

— Você pode ser um bom narrador, mas é
um péssimo leitor! — censurou-me a prin-
cesa.

— Depois do desaparecimento do príncipe,
eu fui, sozinha, procurá-lo no Lago Sombrio!



Todas as princesas costumam ficar bordando nos jardins do palácio, esperando para serem capturadas por dragões ou enfeitiçadas por bruxas! Sabe, portanto, o que significa a minha busca, *Sir* narrador? Significa que eu amava muito o príncipe Nascara!

E agora? Como eu faria a princesa esquecer aquele infeliz príncipe Nascara? Como eu poderia arrumar a história a tempo de ser lida?

Resolvi pôr em prática o plano B.

— Será que não haveria uma leve possibilidade de Vossa Alteza se apaixonar pelo príncipe Saprsto?

— Ai, ai... Acho que não. Ele é tão violento! O modo como espeta a barriga do dragão com aquela espada horrorosa... Pobrezinho! Tão inteligente, tão simpático...

— E se eu disser que Saprsto tentará derrotar o dragão Anascar por outros meios? Não com os músculos, mas com inteligência.

A princesa caiu na gargalhada.

— Saprsto?! Usando o cérebro?! Não me faça rir, *Sir* narrador! A porta do meu quarto é

mais inteligente que Saprsto! Ele é um brutamontes que... Ué, o dragão agora tem nome?

— Sim, e o príncipe foi desafiado por ele e aceitou a proposta. Vai tentar decifrar um enigma.

Os adoráveis olhos da princesa recuperaram o brilho.

— É mesmo? Bem, sendo assim, acho que



será divertido contar essa história mais uma vez! Chame Anascar, *Sir* narrador!

— M-mas não arrumamos a história!

— Contemos outra, então! Ou você pretende deixar a leitora na mão?

— De jeito nenhum!

— Então, se apresse! Não temos muito tempo! Sinto cheiro de leitor no ar...



Eu também estava sentindo a presença da menina. Ela estava prestes a abrir o livro. A leitura já ia começar.

Resolvi não contar à princesa Priliana que o príncipe Saprsto exigira que ela esquecesse Nascara. Afinal, para que aborrecê-la se ninguém mais sabia o que aconteceria dali em diante?

Tomei meu lugar de narrador e esperei que a menina abrisse a primeira página. Assim que seu dedinho correu pela primeira linha, comecei a narrar, dentro da cabeça dela, uma nova história. Desta vez, escrita não pelo autor, mas pelos personagens.

● ERA MAIS UMA VEZ OUTRA VEZ

Era mais uma vez outra vez, em uma terra muito distante, um dragão chamado Anascar. Diferente de todos os animais de sua espécie, tinha duas asas e morava em um enorme castelo. Mas não era feliz. Vivia a suspirar. Cada vez que Anascar suspirava, queimava um pedaço das cortinas. Ou do tapete. Ou do que estivesse na frente. Como era um dragão muito suspirante, mais da metade do castelo já estava chamuscada...

Nesse ponto, parei de narrar e reclamei:

— Ei, essa história não tem nada a ver com a verdadeira!

Anascar soltou uma baforada de fogo em minha direção.

— Shshsh! Continue! Não deixe a leitora esperando, assim, logo no início!

— Está bem, está bem...

Anascar era um dragão que tinha de tudo. Mas vivia a suspirar porque não tinha o que mais desejava: uma princesa. Desejava ao seu lado uma bela e nobre princesa, com quem pudesse dividir o reino. Então, um dia, depois de incendiar a última cortina do castelo, Anascar saiu em busca de seu maior desejo.

Não queria qualquer uma. Sua princesa deveria ser a mais bela. A mais inteligente. A mais graciosa. A mais tudo. E o mais importante: deveria ter os olhos mais adoráveis de todos os contos de fada.


Suas asas o levaram até uma praia distante, onde vivia o rei da Calibúrnica.

Quando sobrevoava a areia, o dragão ouviu o rei gabar-se a um caranguejo:


— Fique sabendo que tenho a mais bela de todas as filhas! A mais inteligente! A mais graciosa! E o mais importante de tudo: a que tem os olhos mais adoráveis de todos os contos de fada!

— Óóóó!!! E onde se esconde tal beldade? — disse o caranguejo, impressionado.

— Minha filha, a princesa Priliana, está escondida no pequeno castelo, no meio do Lago da Luz, onde nenhuma bruxa poderá enfeitiçá-la e de onde nenhum dragão poderá capturá-la! Rá, rá, rá!!! Eu sou o rei mais esperto de todos os contos de fada!

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Parei. O rei era um péssimo ator. O caranguejo, idem. E agora que podiam inventar suas próprias falas, eram ainda piores. Que surpresas terríveis me aguardariam até o final dessa nova história?

— Psiu! Ei, narrador! — chamou a princesa. — Você não vai prosseguir com a narração? Quero entrar em cena!

— Alteza, essa narrativa está sem pé nem cabeça...

— Pois acho que estamos nos saindo muito bem! — exclamou Priliana. — Pare de se interromper e volte a narrar! Nossa leitora ainda não fechou o livro!

Manda quem pode, obedece quem tem juízo. Atendendo ao pedido da princesa Priliana, retomei a narrativa.





Ao ouvir o que o rei dissera ao caranguejo, Anascar voou até o Lago da Luz. Era um belo e luminoso lago, onde os pássaros cantavam e as borboletas dançavam. No centro do lago, havia um pequeno e gracioso castelo.

Na janela da torre mais alta estava a mais bela princesa que o dragão já conhecera. A mais inteligente. A mais graciosa. A mais tudo. E o mais importante: a que tinha os olhos mais adoráveis que Anascar jamais vira. A princesa só não era a mais feliz de todas as princesas. Vivía a suspirar.

— Ai, ai...

Um minuto se passava, e ela de novo:

— Ai, ai...

“Pelo menos, não queima as cortinas quando respira”, pensou o dragão.

Anascar alisou suas escamas com esmero e foi para debaixo da janela da princesa. Posicionou-se de forma que ela não pudesse vê-lo. E, enchendo seu peito dragontino, falou:

— Ó princesa dos adoráveis olhos! Tu és a mais bela princesa que já encontrei! A mais inteligente! A mais...

— Já sei, já sei! A mais tudo! — completou a princesa. — Pule essa parte, ó pretendente desconhecido, e se apresente!

— Não posso apresentar-me diante de ti!

— Por que não?

— Porque meu nome é Amor. E o Amor não tem rosto!



Parei de narrar mais uma vez. Eu sabia que o tempo que nosso livro passara ao lado daquele volume de Shakespeare acabaria trazendo alguma consequência! O dragão estava tentando copiar o estilo do dramaturgo inglês.

Era só o que me faltava! Um dragão romântico querendo imitar Romeu!

Alguém jogou um punhado de areia em cima de mim. Era o rei.

— Ei, narrador! Continue a história!

— É! — concordou o caranguejo. — Agora é que está ficando bom!

— Com todo o respeito, está uma porcaria — respondi.

— Não está, não! — protestou o rei. — Não vê que a leitora está devorando as páginas? Olhe, ela acaba de mastigar uma florzinha que estava no canto da ilustração!

Era verdade. A leitora estava devorando as páginas! Ela estava gostando!!

— Retome logo a narrativa! — ordenou o rei. — O quanto antes essa menina mergulhar na história, melhor para nós! Ou você quer ser devorado pela ansiedade da leitora?

— Claro que não! — protestei.

— Então, volte a narrar. AGORA!



A princesa ficou intrigada com o misterioso pretendente.

— Diga ao menos seu nome!

— O que é um nome? Se uma rosa tivesse outro nome, ainda assim seria uma rosa!

— Por favor, deixe-me conhecê-lo!

— Não vais gostar muito... — suspirou o dragão.

A princesa franziu seu adorável nariz.

— Hum, que cheiro de enxofre... Um dragão deve estar por perto. Proteja-me, ó pretendente secreto!

— Princesa... — disse Anascar. — Não há o que temer.

— Como não? Um terrível dragão pode estar nas redondezas...

— Princesa... — falou Anascar, deixando o esconderijo. — Eu sou o dragão!

Ao vê-lo, Priliana arregalou seus adoráveis olhos.

— Oh! — exclamou ela, levando a mão à frente. — Acho que vou desmaiar...

Anascar coçou a cabeça.

— Estás tão assustada assim?

Priliana tirou a mão da testa e endireitou o corpo.

— Para falar a verdade, não. Você é o dragão mais adorável que já conheci.



Com a ponta do mindinho de sua garra e deixando de lado as formalidades, o dragão levou a mão da princesa aos lábios e beijou-a.

— Você é a princesa mais adorável que já conheci. Venha comigo para o meu reino. Seja minha princesa e eu serei um dragão feliz!

Priliana sacudiu os adoráveis cachinhos de seus adoráveis cabelos.



— Não posso ir com você. Onde já se viu uma princesa se enamorar de um dragão?

Anascar soltou uma baforada de fumaça.

— Pois eu a levarei de qualquer jeito! E provarei que uma princesa pode se apaixonar por um dragão!

Priliana soltou gritinhos quando Anascar suspendeu-a no ar. Abrindo as asas, o dragão retornou ao seu reino.

Quando soube que o dragão capturara sua filha, o rei da Calibúrnia se apavorou.

— Ó! Que má sorte se abateu sobre o reino!

Depois de muito se lamentar, o rei mandou que o caranguejo perguntasse ao dragão o que ele desejava para devolver sua filha. Anascar respondeu:

— Prometo libertar a princesa se alguém resolver o enigma que vou propor.

— Palavra de dragão? — falou o caranguejo.

— Palavra de dragão — confirmou Anascar.

De volta à praia, o caranguejo disse ao rei o que o dragão queria. E o rei espalhou pelas páginas mais próximas do livro a notícia de que ofereceria uma recompensa a quem...

P
A F!!!

Um estrondo sacudiu as letras como um terremoto.

— O que aconteceu? — quis saber o príncipe Saprsto. — Logo agora que eu ia entrar em cena?

— A menina fechou o livro — falei.

— Por quê? Não estava gostando?

— Não sei. Essas pessoas de carne e osso são complicadas. Se fossem personagens, seria mais fácil entendê-las...

Priliana aproximou-se, penteando seus adoráveis cabelos, e disse:

— Acho que ela foi jantar.

— Priliana! — ralhou o rei. — O que você está fazendo aqui? Você é prisioneira

do castelo de Anascar! E se a leitora resolve abrir o livro de repente?

— Calma, papai! Eu ouvi quando a mãe dela a chamou para jantar!

— Ótimo! — exclamou Saprsto. — Assim ganho tempo para me preparar!

— Cada um no seu canto, então! — ordenou o rei. — Todos a postos para a sequência da história!

E cada um de nós tomou seu lugar na página em que a menina havia parado de ler.



● O ENIGMA DO DRAGÃO

A MENINA SÓ VOLTOU a ler na hora de dormir. Mal podíamos esperar para encenar a história. Afinal, nenhum de nós sabia muito bem o que aconteceria. Será que a princesa Priliana se apaixonaria mesmo por Anascar? E o príncipe Saprsto? Conseguiria decifrar o enigma do dragão?

Nossa leitora precisou reler o trecho em que parara. Com prazer, repeti:

De volta à praia, o caranguejo disse ao rei o que o dragão queria. E o rei espalhou pelas páginas mais próximas do livro a notícia de que ofereceria uma recompensa a quem se aventurasse a salvá-la.

Vários príncipes se apresentaram. Mas nenhum deles conseguiu decifrar o

enigma. Até que, certo dia, surgiu no Reino da Calibúrnia (agora situado na Praia do Caranguejo Sem Nome) o forte e destemido príncipe Saprsto.

Sobre a areia fofa da praia, o príncipe se ajoelhou diante do rei. Tirou o garboso chapéu de plumas da cabeça e falou:

— Majestade, prometo decifrar o enigma do dragão e resgatar a princesa Priliana!

— Faça isso e meu reino será seu! Ah, e também a mão da princesa Priliana!

— Sua gratidão será o suficiente, Majestade! — exclamou o destemido príncipe.

— Bem, se é assim... — considerou o rei — ... retiro a parte do reino. Fique só com Priliana.

— Sim, Majestade!

Montado em seu intrépido cavalo, o príncipe chegou ao castelo de Anascar. Ao passar pelos portões, desafiou o opoente:

— Saia do castelo e venha me enfrentar, ó préfido dragão!

Ui! Essa doeu! Precisei corrigir o príncipe.

— É “pérfido”, Saprsto!

— Posso arrumar?

— Deve — respondi. — Aproveite que a leitora parou de ler por um instante.

— Por quê? Ela não está gostando?

— Está, sim. Mas foi procurar no dicionário o que é “préfido”.

— Ah! E vai achar?

— Claro que não! “Préfido” não existe!

— Que falta faz um revisor de texto! — suspirou o príncipe. — O que faço agora?

— Espere a menina voltar e diga sua fala de novo. Corrigida, por favor!

Saprsto aguardou pacientemente a retomada da leitura. Então, disse sua fala, agora correta:

— Saia e venha me enfrentar, ó pérfido dragão!

Anascar saiu voando do castelo, de forma majestosa, com suas duas únicas asas abertas. Parou em frente do príncipe e soltou fogo pelas ventas.



- O que faz aqui, intruso?
- Vim libertar a princesa Priliana!
- Ah, é? Pois antes terá que solucionar o enigma que vou propor!
- Estou preparado!



Nessa hora, uma voz feminina soou dentro do castelo:

— Anascar! Os frangos para o jantar estão prontos! Você vem assá-los?

Anascar sorriu e segredou a Saprsto:

— É Priliana. Ela não vive sem mim! — e, em voz alta, respondeu à princesa: — Já vou, querida! É que temos visita!

— Visita? — espantou-se a princesa. — Quem é?

— Um dos príncipes enviados por seu pai!

— Ah, de novo?

Ao ouvir o diálogo, o príncipe Saprsto repetiu, surpreso:

— “Querida”?! Que história é essa?

O dragão abriu a porta, dizendo:

— Venha jantar conosco e explicaremos.

— Conosco?!

Eu sempre desconfiei que a princesa tivesse uma quedinha pelo dragão. Sim, ela nunca disse nada. Mas gostava muito da companhia de Anascar. Ficava indignada com a cena da espada. E quem poderia culpá-la por gostar dele?

Anascar era inteligente, divertido, ótima companhia. Saprsto não era má pessoa, mas dava mais atenção aos seus músculos que a Priliana. Os contos de fadas, às vezes, são muito injustos. Custava Anascar ter nascido príncipe em vez de dragão?

Curioso para saber onde isso tudo iria dar, continuei a contar a história à menina.

Sobre a mesa, vinte frangos crus esperavam por Anascar. Com uma bafejada só, o dragão assou todas as aves, deixando-as douradas e crocantes.

Priliana aplaudiu:

— Ninguém cozinha como Anascar!

Sentaram para jantar. Priliana e Saprsto dividiram um frango. Anascar ficou com os outros dezenove. Riram, divertiram-se, contaram piadas. Ao final

da refeição, Anascar, limpando o focinho com um guardanapo de linho, disse:

— Bem, Saprismo, chegou a hora do desafio!

Ainda rindo da última piada, Saprismo abanou a mão.

— Não, vamos deixar isso para lá!

— Como assim, “deixar para lá”? — bafejou Anascar. — É hora de decifrar o enigma do dragão!

— Ah, esquece isso! — falou Saprismo. — Vocês dois se dão tão bem! Para que levar Priliana embora?

Anascar soltou fogo pelas ventas, queimando a toalha da mesa.

— Mas você tem que decifrar o enigma!

— Para quê? Está tudo tão bem! Além disso, se eu não conseguir, vou ficar mais dourado e crocante que os frangos que acabamos de comer!

— Prometo não assar você, Saprismo! — insistiu o dragão.

— Qual é? Você acha que eu acredito nisso?

Anascar ergueu o príncipe do chão apenas com a ponta da unha.

— Escute aqui! Você vai, ao menos, TENTAR resolver o enigma, entendeu?

Sapristo sorriu amarelo.

— Explicando com jeitinho, quem não entende, não é? Manda...



Anascar pousou o príncipe em uma cadeira e limpou sua garganta dragontina para recitar o enigma.

Para ter a mão da princesa
Um enigma será decifrado.
Para obter sua beleza
Um feitiço será quebrado.

Ouçam vocês então
Sem olhar para os lados
Com muita atenção
A verdade dos fatos.

Um príncipe foi à pescaria
Mas o peixe, feiticeira era.
Fisgada, usou feitiçaria
Fazendo dele uma fera.

Um nome não é nada
Uma letra muda tudo
No lugar a letra acertada
Trará o amor mais puro.

E o fogo virará mel
Quando a lua surgir
Se na cauda um anel
E o nome certo repetir.



Sapristo ouviu com atenção. Ergueu o dedo e perguntou:

— Desculpe, mas... O que tenho que descobrir?

— O nome certo — respondeu o dragão.

— De quem?

— Isso eu não posso dizer! — exasperou-se o dragão. — Pense!

— M-mas não entendi nada! Dá para repetir, bem devagar?

— Não, não dá! O enigma só pode ser recitado uma vez!

Furioso, Anascar soltou uma bafurada que queimou o tapete novo, feito por Priliana.

A princesa reclamou.

— Assim não dá, Anascar! Você está queimando tudo o que tem no castelo! Fique calmo e deixe Sapristo pensar!

— Não posso ficar calmo, Priliana! Alguém tinha que desvendar o enigma. Esse monte de músculos era minha última chance!

Pobre Saprsto! Para ele, era praticamente impossível decifrar o enigma! E agora? O que seria do príncipe? O que seria de Priliana? Do dragão? Da nossa história?

● O CONVITE

DUAS PÁGINAS se passaram, e nada de Saprismo decifrar o enigma. O rei, vendo aquele impasse, advertiu:

— Andem logo! Vamos acabar perdendo a leitora! Se isso acontecer, nem mesmo nós saberemos como essa história vai terminar!

— Não adianta, Majestade — suspirou Anascar. — A minha última esperança era que alguém decifrasse o enigma. Como ninguém conseguiu, só me resta devolver Priliana...

— Como assim, “devolver”? — perguntou Priliana. — Saprismo não resolveu o enigma. Eu serei sua princesa para sempre!

— Dragões não ficam com princesas — disse Anascar, desolado. — Apenas príncipes.

— Então... Então você, na verdade, esperava que Saprismo acertasse?

— Sim. Era tudo que eu queria!

— Mas então ele ficaria comigo!

— Não, não ficaria! Se alguém solucionasse o enigma, essa história teria o final feliz que merece!

— Mas quem poderia esclarecer o mistério, Anascar? Como era mesmo a charada? Uma letra fora do lugar...

Nesse momento, um lápis desceu na direção de nossas cabeças. Era a leitora, rabisando alguma coisa em nossas páginas:

ANASCAR



— Puxa, é isso! — exclamou a menina.
— Havia um “a” fora do lugar! O dragão é o príncipe Nascara enfeitiçado! Ele é o príncipe que foi pescar. Deve ter apanhado um peixe que era uma feiticeira e se deu mal! Por isso ele desapareceu da história. E agora, para quebrar o feitiço, é só Priliana colocar seu anel na cauda de Anascar e repetir o nome dele!


Falei para os outros:

— Vocês ouviram isso? A leitora decifrou o enigma!

— E isso vale? — quis saber Anascar.

— É claro! — afirmou Priliana. — Você mesmo disse: alguém deveria decifrar o enigma do dragão!

— M-mas... — gaguejou Anascar, enchendo o salão de fumaça.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

Priliana puxou-o pela ponta da garra.

— Vamos tentar, querido. Agora que sei quem você é, tenho certeza de que tudo dará certo! Narrador, a postos! A história vai continuar...

— Esperem aí! — falei. — Continuar como, se nenhum dos personagens decifrou o enigma? Foi a leitora que solucionou o caso!

Priliana levou sua adorável mão ao seu adorável queixo.

— Você tem razão. A história ficaria sem pé nem cabeça! A não ser que...

Priliana ficou na pontinha dos seus adoráveis pés e gritou:

— Ei, você aí!

— O que você está fazendo, Alteza? — perguntei.

— Ora, *Sir* narrador! Estou tentando me comunicar com a leitora!

Sorri.

— Deixe isso comigo, Alteza. Sou o único que fala diretamente com os leitores. O que quer dizer a ela?

Priliana me explicou seu plano. E tratei de

colocá-lo rapidamente em ação. Usando todo o meu poder de narrador, chamei a leitora.

— Ei, você!

— Quem me chama? — perguntou a leitora.

— Sou eu, o narrador!

— *Sir* narrador! — exclamou ela, encantada. — O que você quer de mim?

— Quero convidá-la para ser um personagem da nossa história.

— Eu?!

— Você mesma.

— Mas por quê? Vocês estavam indo tão bem sozinhos!


— Precisamos de alguém para dar um final feliz a essa história.

— E eu posso fazer isso?


— Você é tão poderosa quanto o autor. Um leitor pode fazer o que quiser. Nós não somos nada sem você...

— Não, não posso fazer o que eu quiser. Tenho que ler o que está escrito!

— Mas quem lê pode imaginar o que quiser. Pode reescrever a história. Pode até mesmo

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

inventar a sua própria história! E como você decifrou o enigma antes de nós...

— Posso fazer parte da história?! — entusiasmou-se a leitora.

— Isso mesmo! Aceita o convite?

— Sim, aceito!

— Que bom! Já posso continuar a narrar...

● O FINAL FELIZ

...e a leitora decifrou o enigma, descobrindo que o dragão Anascar era, na verdade, o príncipe Nascara. Eis a história de sua transformação:

O belo e inteligente príncipe Nascara gostava muito de pescar. Na manhã do seu casamento, no entanto, teve a má sorte de fregar um peixe encantado.

— Me solte! — exigiu o peixe.

— Não posso! — disse o príncipe Nascara. — Prometi à minha noiva, Priliana, um peixe para o nosso banquete de casamento!

— Me solte! — insistiu o peixe.

— Já disse que não posso!

— Pela última vez...

— Não. Eu prometi!

O peixe então se transformou em uma

bela feiticeira. Ela usava um vestido de escamas furta-cor e tinha na mão uma varinha em forma de anzol.

— Você não me soltou. Agora, vai ter o que merece. Será aprisionado num corpo que não é o seu!

E, apontando a varinha para Nascara, transformou-o em um dragão de duas asas.

— Não!!!!!!! — exclamou Nascara, soltando fogo por suas ventas dragontinas.

— O último “a” do seu nome passará para a frente. Você será conhecido, a partir de agora, como Anascar. Jamais falará sobre isso, até que alguém recoloque a letra no lugar certo. Então, quando a lua surgir, Priliana deverá pôr um anel na sua cauda e dizer seu verdadeiro nome! Somente dessa forma o feitiço será quebrado!

— Ninguém conseguirá quebrá-lo! Ninguém reconhecerá neste dragão o príncipe Nascara.

— Para que não diga que não lhe dei

uma chance, darei a você um enigma que conta a sua infeliz história. Se alguém o decifrar, o feitiço será quebrado. Mas você só poderá enunciá-lo uma vez. Agora, vá viver sua vida de dragão!



E a feiticeira desapareceu da história para sempre.

Agora, era hora de quebrar o feitiço.

O caranguejo foi buscar a lua em outra página. Queria fazê-la surgir bem na hora de desfazer o encantamento da feiticeira, como previa o enigma.

Mal a lua apareceu na página, Priliana ficou na ponta dos seus adoráveis pezinhos. Colocou seu anel de prata na ponta da cauda de Anascar e disse o nome do príncipe, como se fosse uma palavra mágica:

— Nascara!



O fogo do dragão virou mel e cobriu todo o seu corpo. Uma casca o envolveu, formando um ovo. E, quando se abriu, dele surgiu o príncipe Nascara, em pessoa, prometido à princesa Priliana desde a primeira página!

Que alegria o reencontro dos dois jovens apaixonados! Não esperaram nem a página acabar para se casarem, oferecendo, em seguida, um grande banquete para todos os personagens. Sem peixe, é claro!



O rei da Calibúrnia voltou ao seu reino. Agora, além de um lago, a Calibúrnia tem também uma bela praia.

Quanto ao caranguejo, tornou-se conselheiro do reino.

O príncipe Sapristo manteve a sua adorada espada Escalibúrnica, sob a promessa de não espetar mais nenhum dragão com ela.


Priliana e Nascara foram morar no gracioso pequeno castelo, bem no meio do Lago da Luz, onde tiveram muitos filhos.




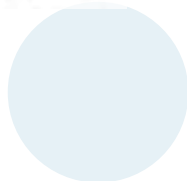
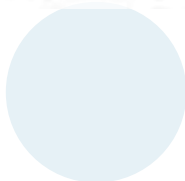
A leitora, que agora também era personagem, recomendou nosso livro para todos os amigos. Vivíamos em casas diferentes, conhecendo um monte de pessoas interessantes.

Quanto a mim, também me tornei, para sempre, personagem. Sou conhecido agora como *Sir* narrador. Ao menos, até ser mais uma vez outra vez...





#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

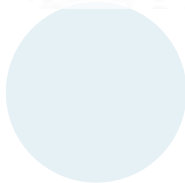
#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



GLAUCIA LEWICKI nasceu em Niterói, em 1970, em uma família de educadores. Formada em Comunicação Social, sua grande paixão sempre foi inventar histórias. Autora de livros infantojuvenis, professora e editora de um site de literatura, com este livro ganhou o Prêmio Barco a Vapor 2006.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



GONZALO CÁRCAMO nasceu no Chile em 1954 e mudou-se para o Brasil em 1976. Artista plástico, ilustrador e caricaturista, colabora com os principais periódicos do país e recebeu diversos prêmios por sua obra, entre eles o HQMix em 2002, 2004 e 2006.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

FONTES Unit Rounded e Augereau

PAPEL Offset 120 g/m²